

**A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

*History of education in teacher formation at the University of Aveiro*

Carlos Meireles-Coelho  
António Vítor N. de Carvalho

**RESUMO**

A História da Educação surge na Universidade de Aveiro associada à formação de professores. O seu aparecimento, importância, luta pela sobrevivência e representatividade estão associados à formação inicial de professores — do ensino pré-escolar, básico e secundário — e aos cursos de pós-graduação, especialmente ao Mestrado em Ciências da Educação na especialização de Formação Pessoal e Social.

**Palavras-chave:** História da Educação, Formação de Professores, Formação Inicial e Formação Pós-Graduada.

**ABSTRACT**

The History of Education in the University of Aveiro is associated with teachers' qualification. It's appearance, struggle for survival and representativeness are associated with teachers initial training — from kindergarten, to middle and secondary teaching and post-graduation courses —, especially the Masters in Educational Sciences in the specialization of Personal and Social Qualification.

**Keywords:** History of Education, Teachers Qualification, Initial Qualification and Post-Graduation Qualification

---

\* Doutor em Ciências da Educação. Professor Associado do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro. Membro da Unidade de Investigação “Construção do Conhecimento Pedagógico nos Sistemas de Formação”. Contato: meireles@ua.pt

\*\* Mestre em História Económica e Social Contemporânea. Assistente do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro. Membro da Unidade de Investigação “Construção do Conhecimento Pedagógico nos Sistemas de Formação”. Contato: acarvalho@dce.ua.pt

## 1. As Origens

De 1970 a 1974, a reforma Veiga Simão abriu uma fresta de inovação e esperança que se integraria na ‘Revolução dos Cravos’ de 25 de Abril de 1974. As Universidades de Coimbra, de Lisboa e do Porto já estavam enraizadas. Com o apoio do *Center for Educational Research and Innovation* (CERI) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) foram criadas as Universidades Nova de Lisboa, de Aveiro, do Minho e o Instituto Universitário de Évora — Decreto-Lei n.º 402/73, de 11 de Agosto — para corresponder às necessidades de uma sociedade em mutação crescente nos campos técnico e científico (Arroteia, 1996). A fundação da Universidade de Aveiro procurou satisfazer as «expectativas locais desenvolvidas desde os anos 60» (Amorim, 2001: 22). A instituição apostou em áreas necessárias à modernização do país começando, assim, pela engenharia electrónica e telecomunicações, engenharia de cerâmica e do vidro e formação integrada de professores. Como Portugal não pertencia à Comunidade Económica Europeia (CEE), foi criado, em colaboração com o Banco Mundial, o Centro Integrado de Formação de Professores (CIFOP) da Universidade de Aveiro: «instituição piloto, onde se promoverá pela primeira vez em Portugal numa mesma escola a formação inicial de professores para educação pré-escolar, ensinos básico e secundário, se institucionalizarão práticas de formação contínua, se prepararão professores para as áreas vocacionais, se prestará apoio pedagógico aos docentes dos vários níveis de ensino (incluindo o superior), se ministrarão cursos em Ciências da Educação e se desenvolverão programas de investigação» (Decreto-Lei n.º 432/78, de 27 de Dezembro). Mas a estrutura departamental da Universidade de Aveiro remeteu a formação fundamental em ciências da educação para o Departamento de Ciências da Educação, que então cooperava na formação dos professores.

Os doutores Manuel Alte da Veiga e Filipe Rocha, de formação filosófica, marcaram desde o início as ciências da educação da Universidade de Aveiro com as disciplinas de *Introdução às Ciências da Educação*, *Evolução dos Sistemas Educativos* e *Correntes Pedagógicas Contemporâneas*. Neste período inicial, a História em geral e a História da Educação em particular tinham o valor que as circunstâncias pós-revolucionárias permitiam.

## 2. A História da Educação no âmbito da formação inicial de professores

Com a reforma dos cursos, no início dos anos 90 do século XX, as disciplinas de pendor filosófico dão lugar a uma disciplina ‘compacta’, da responsabilidade do Departamento de Ciências da Educação, chamada *História e Teoria da Educação*, que se caracterizou, e tem caracterizado, por uma perspectiva pluridimensional e transdisciplinar, que contém mas ultrapassa cada uma das dimensões que abordam a educação na sua componente histórica, comparada, transcultural, filosófica, epistemológica, teórica, prática, artística, de aplicação às ciências a ensinar e à experiência interior. Esta disciplina procurou não cair na abstracção do conhecimento, mas ajudar a contextualizar e concretizar, a comparar e globalizar; destacando-se o rigor dos dados e o cultivo da tolerância no pluralismo das interpretações.

Como sublinha António Nóvoa, o ensino da História da Educação «esteve, desde sempre, institucionalmente ligado à formação de professores: por aqui passaram as suas ambiguidades e projectos, as suas fragilidades e sucessos» (Nóvoa, 1996: 419). No âmbito da formação inicial de professores desenvolvida na Universidade de Aveiro — nos cursos de Educação e Infância, Ensino Básico e Secundário —, da análise dos programas da disciplina *História e Teoria da Educação* depreende-se que esta visa, entre outras coisas, dar a conhecer e sensibilizar para a diversidade no enfiamento da perspectiva actual em que «a educação é para todos e deve ser a melhor para cada um» (Universidade de Aveiro, 2005a: 1), visando o desenvolvimento de competências para aprender a conhecer e a fazer, a viver com os outros, para que se aprenda a ser e a ensinar tudo isso a terceiros. Assim, os futuros profissionais da docência são convidados a fazer uma análise histórica e comparada da evolução da educação, dos sistemas educativos diversos, das correntes, ideias e ideais, dos métodos, técnicas e instituições, centrando-se numa posição reflexiva e ponderada, com espírito crítico face ao passado e aos fenómenos do presente, ao que é ser professor no início deste novo milénio marcado pela diversidade, multiculturalidade e, simultaneamente, pelo fenómeno da globalização.

Na sua aplicação prática, os conteúdos programáticos da disciplina de *História e Teoria da Educação* perpassam os séculos incidindo, numa primeira fase, sobre a educação no Antigo Oriente, na Grécia, em Roma e na Idade Média. Assim, estuda-se a educação budista, confucionista, judaica, cristã e muçulmana acompanhadas, essencialmente, pela análise dos sofistas, estóicos, epicuristas; dos pensamentos pedagógicos de Platão, Aristóteles, Xenofonte, Plutarco, Santo Agostinho e S. Tomás. Na educação da Época Moderna confrontam-se as educações humanista e tradicional, católica e protestante, analisam-se as orientações pedagógicas dos jesuítas, teatinos e oratorianos, e o pensamento pedagógico de Comênio, Fénelon, Locke, Rollin, Martinho de Mendonça, Luís Verney, Ribeiro Sanches, Rousseau e Kant, entre outros (Universidade de Aveiro, 2005a: 2). A educação desenvolvida na Época Contemporânea assenta na análise das educações liberal, idealista, positivista, socialista e ‘educação nova’. Podem ser estudadas, igualmente, as perspectivas pedagógicas de Pestalozzi, Herbart, Marc-Antoine Jullien, Froebel, Almeida Garrett, Auguste Comte, Alexandre Herculano, Herbert Spencer, William James, Jaime Moniz, José Augusto Coelho, Binet, Claparède, Ferrière, Faria de Vasconcelos, Kerschensteiner, João de Barros, João de Deus Ramos, Alves dos Santos, Adolfo Coelho, Dewey, Decroly, Montessori, Carl Rogers, Makarenko, Homem Cristo, Leonardo Coimbra, António Sérgio, António Aurélio da Costa Ferreira, Adolfo Lima e Bento Carqueja, entre outros, além das reformas educativas e institucionalização dos sistemas educativos nacionais e internacionais (Universidade de Aveiro, 2005a: 2).

No concernente à educação desenvolvida no período após a II Guerra Mundial, no tempo em que se forjou a Globalização, na apelidada ‘Educação na Era da Globalização’, destacam-se os aspectos pedagógicos mais evidentes nas teorias de Célestin Freinet, Benjamim Bloom, Delfim Santos, Paulo Freire, Alexander Neill, Illich e Manuel Ferreira Patrício — ‘a escola cultural’ —, o papel das organizações internacionais na educação (UNESCO, OCDE, Conselho da Europa, Fundação Europeia de Cultura, Eurydice/

EU) e os relatórios da UNESCO: *Aprender a ser*, de Edgar Faure, e *Educação: um tesouro a descobrir*, coordenado por Jacques Delors. Analisam-se, igualmente, as reformas educativas desenvolvidas entre 1945 e 2005. Considera-se, ainda, a importância dos valores na educação, a educação confessional, neutra e pluralista numa perspectiva histórica, os princípios delineados pelos organismos internacionais e a posição dos valores nos sistemas educativos europeus. Por outro lado, há lugar, também, para a evolução do papel ocupado pelo professor e para o estudo da evolução do sistema educativo português, da rede escolar e da organização curricular; terminando com uma prospectiva do futuro da educação (Universidade de Aveiro, 2005a: 2-3).

Com a nova reforma curricular, no início da primeira década do século XXI, esta disciplina desdobrou-se sob a designação *História e Filosofia da Educação* no tocante à formação de professores destinados ao Ensino Secundário, continuando a *História e Teoria da Educação* na formação de professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e Educadores de Infância. Desta forma, incidiu-se em aspectos mais específicos na abordagem dos temas, mais relacionados com os primeiros níveis etários (educação pré-escolar e ensino primário) ou com a adolescência e juventude (ensino secundário). Embora a estrutura do programa seja similar e os temas se apresentem paralelos, os autores a estudar nem sempre coincidem variando consoante o grau de ensino a que se destinam os formandos (Universidade de Aveiro, 2005a,b).

A abordagem do conteúdo programático privilegia os interesses dos discentes, sobretudo nas aulas teórico-práticas, podendo os alunos escolher uma parte significativa do que querem estudar, sendo os exames compostos por questões optativas (Universidade de Aveiro, 2005a: 2).

### 3. A disciplina de História e Teoria da Educação

Na caracterização programática desta disciplina marca-se o contexto e as características da mesma (Universidade de Aveiro, 2005a: 4):

*A História e Teoria da Educação é uma disciplina de iniciação ao que foi, ao que é e ao que deve ser a educação. Encontramos no mundo de hoje múltiplas concepções de educação e uma das melhores maneiras de compreender essa diversidade é fazer uma viagem no tempo e no espaço para observarmos e conhecermos as evoluções das diferentes culturas, dos seus factos e instituições educativas e das suas questões e soluções para a educação, de modo a nós próprios nos irmos desenvolvendo com essa descoberta. Nesse sentido, a história da educação, a filosofia da educação, a educação comparada, a epistemologia e a antropologia, com os seus métodos e saberes adquiridos, são ciências auxiliares, embora indispensáveis, para esta abordagem dinâmica e pluridimensional onde se encontram múltiplas concepções, histórias e teorias da educação. Tendo como referência a grande perspectiva actual de que a educação é para todos e deve ser a melhor para cada um, desenvolvemos competências para aprender a conhecer e a fazer, a vivermos com os outros e a sermos nós próprios e para ensinar isso a outros.*

A escolaridade semanal da *História e Teoria da Educação* é de 2 horas lectivas teóricas e de 2 horas lectivas teórico-práticas, correspondendo a 3,5 unidades de crédito e a 6 ECTS (Universidade de Aveiro, 2005a: 4). Os objectivos da disciplina procuram iniciar os alunos-futuros-professores na análise histórica e comparada da educação, sistemas, ideias, preceitos, orgânica, métodos e práticas, procurando uma atitude reflexiva e crítica dos fenómenos e dados do que tem sido a educação e do que é ser professor na era da globalização; contribuir para que os educadores e futuros professores concebam a educação como aprender a aprender, aprender a fazer e a construir o seu próprio conhecimento, aprender a viver com outros diferentes de nós e aprender a ser no meio da multiplicidade de perspectivas, modelos, culturas, livros, revistas, publicações, bases de dados, sistemas de redes, *Internet*, instituições, organizações, pessoas, *lobbies*, em diferentes tempos e espaços com a sua dimensão cultural em ambiente cada vez mais multicultural (Universidade de Aveiro, 2005a: 1).

De facto, as competências a adquirir são um desafio para os alunos e para os professores, cabendo aos alunos definir o seu próprio perfil de aprendizagem e formação, ou seja:

CONHECIMENTO E COMPREENSÃO: comparar dados de educação ao longo dos tempos e lugares; comparar práticas educacionais; comparar políticas educativas concretas; procurar adquirir conhecimentos teóricos a partir de situações práticas; situar os fenómenos educativos no tempo e no espaço; orientar-se no tempo e no espaço ao navegar na multiplicidade de dados da memória colectiva da educação; usar e articular conceitos, modelos, teorias e instrumentos de investigação em perspectiva multidisciplinar; conhecer, na perspectiva histórica e comparada, os referenciais fundamentais da educação; conhecer as políticas educativas, culturais, sociais e económicas que condicionam a educação; descrever teorias e modelos educacionais; caracterizar diferentes teorias e modelos na evolução do pensamento pedagógico; interpretar a evolução dos sistemas educativos; compreender as relações entre as diversas variáveis implicadas na educação; compreender a evolução do sistema educativo português nos valores, ideias, fins e objectivos, currículos, programas, processos, modelos, métodos e técnicas, estrutura, organização, instituições e agentes educativos.

CONHECIMENTO APLICADO: contextualizar os dados de educação na sua época e lugar, especialmente na Europa e países lusófonos; contextualizar e caracterizar as directrizes que orientam e circunscrevem a política, o sistema e a administração da educação, no passado e no presente, em Portugal, em países europeus e lusófonos; identificar problemas relacionados com a educação para todos e para cada um e a formação permanente como processo ao longo da vida; valorizar a pluridimensionalidade dos saberes, experiências e culturas, fomentando o enriquecimento mútuo e combatendo processos de exclusão da escola para todos; elaborar e desenvolver projectos e relatórios de investigação e de intervenção em educação.

AVALIAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA: utilizar a avaliação como elemento regulador da aprendizagem; estar aberto criticamente à mudança e ao progresso no contexto educativo e social; dominar criticamente conceitos, princípios, factos e modos de pensar e de conhecer relativos à educação; analisar criticamente teorias e modelos educacionais e meto-

dologias de investigação em educação; interpretar criticamente a escola e a organização do currículo à luz dos contributos teóricos das ciências da educação na vertente de uma escola para todos e para cada um; reflectir criticamente sobre as dimensões da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser; discutir criticamente resultados de investigação; avaliar processos de educação, de formação e de investigação em educação; desenvolver a capacidade crítica e autocrítica; desenvolver competência crítica para intervir adequadamente como professor, praticando o distanciamento aberto e comprometido e estimulando o confronto de perspectivas em torno dos problemas pedagógicos; reflectir sobre aspectos éticos e deontológicos inerentes às situações educativas; ter capacidade crítica e reflexiva sobre os conceitos e as relações entre poder e saber; aprender a conhecer na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida.

**COMUNICAÇÃO:** dominar a língua portuguesa; utilizar adequada e eficazmente as tecnologias da informação e comunicação como instrumento de formação; comunicar informação de forma clara e fundamentada a audiências diferentes e diversificadas; elaborar projectos e relatórios claros e concisos; comunicar projectos e resultados de estudos efectuados segundo os requisitos da comunidade a que se destina; trocar informação com outros profissionais e investigadores; aceitar a crítica e argumentar com objectividade e rigor.

**AUTONOMIA E PARCERIA NA APRENDIZAGEM:** ter capacidade de trabalho em perspectiva pluridimensional; adaptar-se rapidamente a diferentes situações; saber encontrar e analisar criticamente informação sobre a educação, o mais próximo possível das fontes, e confrontá-la com análises críticas posteriormente elaboradas; acompanhar a evolução da educação; acompanhar os problemas educativos de hoje de forma crítica e actuante; desenvolver a curiosidade e interesse em alargar os horizontes culturais; desenvolver bom relacionamento com os outros; trabalhar em equipa; dialogar com todos e particularmente com os que têm ideias e opções diferentes; fortalecer relações interpessoais fomentadoras de segurança, apoio e progresso; mostrar espírito de abertura a diferentes povos e culturas, especialmente da Europa e de países lusófonos; revelar respeito pela dignidade de cada pessoa e empenho na promoção da igualdade de oportunidades e de direitos entre os cidadãos, sem discriminação de sexo, idade, raça, etnia, religião ou cultura; manifestar respeito, cooperação e solidariedade entre todos os membros da comunidade educativa; desenvolver a autonomia no aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser; identificar as necessidades da autoformação ao longo da vida; gerir o seu próprio programa de formação (Universidade de Aveiro, 2005a: 1-2).

Na metodologia refere-se que as unidades programáticas são apoiadas por textos da colecção «Cronologia e Documentos para a História e Teoria da Educação»: 1. *Educação antiga e medieval*; 2. *Educação moderna*; 3. *Educação contemporânea (1789-1945)*; 4. *Educação na era da globalização (1945-2005)*. Estes textos contêm uma introdução, cronologia, antologia e bibliografia específica que servem de referência e apoio às aulas teóricas e às teórico-práticas (Meireles-Coelho, 2005a,b,c,d).

Nas aulas teóricas procede-se ao desenvolvimento de cada uma das unidades do

conteúdo programático; o professor é o dinamizador e gestor do conteúdo programático, na perspectiva de que: «à educação cabe fornecer, dalgum modo, a cartografia dum mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele» (Delors, 1996: 77).

Por outro lado, nas aulas teórico-práticas, amplia-se a contextualização e caracterização de textos pedagógicos referentes a autores de cada uma das unidades programáticas, através da discussão e apresentação de trabalhos em grupo, predominando a formação interpessoal em grupo pelo desenvolvimento pessoal e social de cada aluno, a partir da discussão de textos de autores referidos para as aulas teórico-práticas de cada unidade programática. Aqui, o docente é, antes de mais, o dinamizador mas também o profissional que compreende com sabedoria *o que é ser professor e o que é a educação, nas mais variadas circunstâncias*, pelo que a sua presença é indispensável nos diálogos e discussões no grupo-turma ou no grupo restrito. O aluno deve procurar equilibrar o desenvolvimento da segurança, que pode encontrar num pequeno grupo, sem deixar de desenvolver igualmente a sua própria autonomia pessoal; para isso convém que os discentes se habituem a diversificar a sua pertença a grupos diferentes.

Quanto à avaliação, nas aulas teóricas, ela é feita por meio de um *exame final* [(60% = 12 valores (v.) consiste numa prova escrita constituída por um grupo de pequenas questões em que entra sobretudo a memória ou, em alternativa, por escolha do aluno, uma questão de relacionamento/desenvolvimento que exige sobretudo capacidade crítica e de comparação (6/20 v.), e um tema a desenvolver, optativo, referente a cada unidade programática (6/20 v.)].

No respeitante às aulas teórico-práticas, os alunos podem escolher entre duas opções: *avaliação por exame final* [(40% = 8 v.), que consiste na contextualização-caracterização, na óptica do que é ser professor e do que é a educação, de um texto estudado nas aulas TP (8/20 v.)] ou *avaliação contínua* [(10% + 10% + 10% + 10% = 2v. + 2v. + 2v. + 2v.), que consiste em três momentos de avaliação ao longo das aulas do semestre e um outro no momento do exame final] (Universidade de Aveiro, 2005a: 4).

#### 4. A História da Educação na Formação Pós-Graduada

Quanto à presença da História da Educação na formação pós-graduada, a primeira experiência remonta ao princípio dos Anos 90, quando o Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro propôs a criação do Mestrado em Ciências da Educação, na especialização de Formação Pessoal e Social, caracterizado ele também por uma forte perspectiva pluridimensional e transdisciplinar.

Com a área de Formação Pessoal e Social pretende-se, sobretudo, contribuir para a promoção da autonomia, solidariedade, liberdade, diálogo, responsabilidade, cidadania, justiça, respeito pelas ideias do outro e valorização do desenvolvimento do espírito democrático e pluralista. Por outro lado, procura-se despertar no educador a sensibilização suficiente para um exercício profissional tendo em conta a consciência da existência de valores, princípios, atitudes éticas e deontológicas. A formação dos mestrandos adquirida

ao longo do curso aponta para especialização em áreas como a educação para a cidadania, a formação cívica, a liberdade, a tolerância, a democracia, a participação cívica, a justiça, os direitos humanos, a paz, a educação multicultural e intercultural, temáticas para as quais a História da Educação oferece um contributo deveras importante.

Relativamente ao posicionamento da História da Educação enquanto área curricular do Mestrado referido, na disciplina *História da Educação em Portugal* são estudados os aspectos relativos à evolução dos sistemas educativos, organização curricular, valores na educação, o desenvolvimento histórico dos vários níveis de ensino (pré-escolar, primário, secundário e técnico), o papel do professor, os pedagogos e as correntes pedagógicas; lançando as bases para uma discussão pertinente em redor das perspectivas futuras para a educação em Portugal e no mundo. A própria caracterização/apresentação do programa da disciplina destaca que as raízes e a memória do mundo actual ajudam a compreender fenómenos que aparecem sem sentido e, descobrindo-o, auxiliam na construção de perspectivas para o futuro. Muitos problemas da educação de hoje, em Portugal, poderão gerar novas soluções ao aprofundar o seu passado comparando a sua evolução com a de outros países, não com o intuito de imitar, mas de cruzar as nossas experiências com as de outros, aprendendo com elas. Partindo de uma visão geral da evolução da educação, a partir da Europa, estimula-se a elaboração de trabalhos especializados e investigações referentes a Portugal e a Países de Língua Oficial Portuguesa, nomeadamente sobre: evolução do sistema educativo, rede escolar, organização curricular, educação de infância, educação básica e secundária, valores na educação, papel do professor, pensamento pedagógico e perspectivas para a educação (Universidade de Aveiro, 2005c: 1).

Analisando o programa da disciplina *História da Educação em Portugal*, a parte introdutória incide sobre a epistemologia da História, a História das Ideias e a História Institucional. Seguem-se a análise da educação na Grécia, no Império Romano e na Idade Média. Observam-se as bases da educação na Europa e explora-se a educação em Portugal durante o Renascimento, Humanismo e Reforma. Analisam-se as ‘luzes para um tempo novo’ fruto das reformas do Marquês de Pombal; o período educativo que se estendeu desde a Revolução Francesa (1789) até à Implantação da República (1910), as políticas educativas da Monarquia Liberal, do Portugal Liberal e da Regeneração. Avalia-se, também, o impacto provocado pelas Conferências do Casino e pelo *Ultimatum* Britânico no Portugal de então (Universidade de Aveiro, 2005c: 2).

Quanto ao período que se estende entre 1910 e 1945, perspectiva-se a educação em Portugal e no estrangeiro, as influências das tendências filosófico-pedagógicas positivistas, racionalistas, marxistas, nacionalistas, humanistas-cristãs e existencialistas. Para isso, a título de exemplo, são estudados alguns pensadores portugueses como João de Barros, Abel Salazar, António Sérgio, Faria de Vasconcelos, Bento de Jesus Caraça, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Padre Américo, Leonardo Coimbra e Delfim Santos, entre outros. Em moldes semelhantes, destaca-se a abordagem às divisões cronológicas estabelecidas entre o final da II Grande Guerra (1945) e a Lei de Bases do Sistema Educativo português, publicada em 1986, e desta até à actualidade tendo sempre presente a educação em Portugal, no Europa e no mundo (Universidade de Aveiro, 2005c: 2-3).

Transversalmente, a História da Educação assiste outras áreas do Mestrado e do Curso de Formação Especializada, especialmente as disciplinas de *Educação e Valores; História e Teoria da Formação Pessoal e Social; Escola, Família e Comunidade; Formação Pessoal e Social* e o *Seminário de Especialidade em Formação Pessoal e Social*. Está patente na evolução das pedagogias e dos sistemas educativos, ajudando a enquadrar e a interpretar valores e ideias, objectivos e fins, programas, processos, técnicas, instituições e agentes educativos.

### Considerações finais

A História da Educação não conseguiu impor-se no início da actividade da Universidade de Aveiro, aquando da criação dos cursos de formação de professores, na década de 70 do século XX. Com a reforma dos cursos, nos anos de 1990 e 2000, a História da Educação conseguiu posicionar-se/integrar-se no cerne das disciplinas de *História e Teoria da Educação* e *História e Filosofia da Educação*, nos cursos de formação inicial de professores, e salientou-se na disciplina de *História da Educação em Portugal*, no Mestrado em Ciências da Educação na especialização de Formação Pessoal e Social. Revelou dificuldade em assumir-se autonomamente, o que acaba por se reflectir nos poucos estudos desenvolvidos na Universidade de Aveiro enquadráveis na esfera de influência específica da História da Educação.

Os critérios que na investigação educacional podem condicionar e remeter os discursos para a especificidade de círculos exclusivos acabam por ser aqui contraditados. Presentemente, numa visão transdisciplinar, a História da Educação não deixa de assumir o seu «lugar importante» no conjunto das ciências da educação (Torgal, Mendes e Catroga, 1998: 61) ministradas na Universidade de Aveiro. Funcionou como ciência auxiliar da educação e luta, legitimamente, para sobreviver no âmbito dos cursos de formação inicial e de pós-graduação, o que se justifica, evidentemente, pelo facto de o conhecimento científico não poder dissociar-se da órbita da dimensão histórica.

No entanto, sublinhando o papel desempenhado pela História da Educação enquanto parte integrante da ciência, ela não pretende, como é óbvio, posicionar-se hegemonicamente face às outras áreas. Está sujeita a um período de transformação teórica e metodológica (Nóvoa, 1998: 13) e condicionada pelas problemáticas inerentes à ‘crise da modernidade’, mas pode lançar uma visão nova sobre as questões pedagógicas. Em articulação com os demais ramos da ciência, a História da Educação coopera, constrói e forma no sentido de conseguir ajudar a responder às solicitações da tendência dominante do «mercado aberto da educação» (Grilo, 1995: 79) e aos desafios lançados na interconexão que, necessariamente, terá de ser estabelecida entre o local e o global.

Aproveitando o contexto em que o Processo de Bolonha obriga a uma maior abertura e a mudanças significativas no ensino superior, o caso de sobrevivência aqui retratado, dadas as circunstâncias e contingências a que esteve votado em matéria de identidade e autonomia, procura agora olhar o futuro no sentido da educação transdisciplinar que não privilegia a abstracção do conhecimento, mas que ensina a contextualizar e a concretizar em harmonia com o espírito característico da *Carta de Transdisciplinaridade* assinada em Lisboa, em 1994.

## Referências

- AMORIM, Inês (2001). *História da Universidade de Aveiro: a construção da memória*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho (1996). *O ensino superior em Portugal*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- DELORS, Jacques (coord.) (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Porto: Asa.
- GRILLO, Marçal (1995). Uma reflexão sobre alguns temas educativos em Portugal. In Bartolo Campos (Ed.), *A investigação educacional em Portugal*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- MEIRELES-COELHO, Carlos (2005a). *Educação antiga e medieval: uma introdução com cronologia e antologia*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- MEIRELES-COELHO, Carlos (2005b). *Educação moderna: uma introdução com cronologia e antologia*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- MEIRELES-COELHO, Carlos (2005c). *Educação contemporânea: uma introdução com cronologia e antologia*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- MEIRELES-COELHO, Carlos (2005d). *Educação na era da globalização: uma introdução com cronologia e antologia*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- NÓVOA, António (1996). História da educação: percursos de uma disciplina. *Análise Psicológica*, n.º 4, série XIV (417-434).
- NÓVOA, António (1998). *Histoire & Comparaison (Essais sur l'Éducation)*. Lisboa: EDUCA.
- TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Amado e CATROGA, Fernando (1996). *História da História de Portugal, sécs. XIX-XX*, vol. II. Lisboa: Temas e Debates.
- UNIVERSIDADE DE AVEIRO (2005a). *Programa da disciplina de História e Teoria da Educação*. Aveiro: Departamento de Ciências da Educação.
- UNIVERSIDADE DE AVEIRO (2005b). *Programa da disciplina de História e Filosofia da Educação*. Aveiro: Departamento de Ciências da Educação.
- UNIVERSIDADE DE AVEIRO (2005c). *Programa da disciplina de História da Educação em Portugal*. Aveiro: Departamento de Ciências da Educação.

### **Legislação**

Decreto-Lei n.º 402/73, de 11 de Agosto.

Decreto-Lei n.º 432/78, de 27 de Dezembro.

*Recebido em Fevereiro de 2007*  
*Aprovado em Abril de 2007*